

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO - UNIBRA  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

GERLANE CARINA DA CRUZ  
JOÃO DOUGLAS SANTOS FREITAS  
LARISSA HILZE SILVA XAVIER

**A IMPORTÂNCIA DA QUALIFICAÇÃO DE  
EDUCADORES PARA MEDIAÇÃO NO  
DESENVOLVIMENTO ESCOLAR DA CRIANÇA  
COM TEA**

RECIFE/2022

GERLANE CARINA DA CRUZ  
JOÃO DOUGLAS SANTOS FREITAS  
LARISSA HILZE SILVA XAVIER

**A IMPORTÂNCIA DA QUALIFICAÇÃO DE  
EDUCADORES PARA MEDIAÇÃO NO  
DESENVOLVIMENTO ESCOLAR DA CRIANÇA  
COM TEA**

Artigo apresentado ao Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA,  
como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura  
em Pedagogia.

Professor(a) Orientador(a): Ariedja de Carvalho Silva.

RECIFE/2022

Ficha catalográfica elaborada pela  
bibliotecária: Dayane Apolinário, CRB4- 2338/ O.

C955i Cruz, Gerlane Carina da  
A importância da qualificação de educadores para medição no desenvolvimento escolar da criança com TEA / Gerlane Carina da Cruz, João Douglas Santos Freitas, Larissa Hilze Silva Xavier. - Recife: O Autor, 2022.  
21 p.  
Orientador(a): Esp. Ariedja de Carvalho Silva.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA. Licenciatura em Pedagogia, 2022.  
Inclui Referências.  
1. Educação inclusiva. 2. TEA. 3. Educador. 4. Formação continuada  
I. Freitas, João Douglas Santos. II. Xavier, Larissa Hilze Silva. III. Centro Universitário Brasileiro - UNIBRA. IV. Título.

CDU: 37.01

*Dedicamos esse trabalho a nossos pais, familiares, mestres, coordenadores,  
colegas e a Deus, que até aqui nos sustentou.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente, a Deus por ter chegado onde estou. Aos meus pais, Maria Gorete e Gerson, por todo apoio que me foi dado; ao meu marido, Guilherme, por ter me dado suporte durante a caminhada; e aos meus primos e tias, pelo incentivo. Gerlane Carina.

Agradeço à minha mãe, Cristiane, por todo apoio psicológico e financeiro; à minha avó, dona Maria José, por estar sempre ao meu lado; à professora Maria Ivete, por ter me ensinado sobre o universo da educação; e ao meu amigo Wesley, por toda força e incentivo.

João Douglas.

Agradeço a Deus, pela força e paciência concedida para continuar. À minha mãe, Cristina, que me afagou e confortou em momentos que parecia que nada estava dando certo. À minha amiga, Claudyane, pela troca, compartilhando de sua sabedoria e conhecimentos sobre o mundo autista, me trazendo palavras reconfortantes e reforçando que a caminhada estava sendo positiva. À minha irmã, Lais, minha cunhada, Larissa e minha amiga, Erica, que respeitaram meu espaço, entenderam meus momentos de angústia e vibraram a cada pequena conquista. Ao meu cachorrinho, Nicolás, que esteve ao meu lado a todo momento, parecendo que sentia que sua presença era o apoio necessário a cada reunião. Por fim, mas não menos importante, a todos que proporcionaram escuta e apoio enquanto me ouviam falar/lamuriar sobre o artigo, e torcerem para que desse certo.

Larissa Hilze.

Agradecemos à nossa orientadora, Ariedja, pela disponibilidade e proatividade em nos ajudar durante todo o percurso. Pelas palavras de incentivo, que nos animavam a cada fim de orientação e nos davam gás para continuar. Essa conquista também é dela!

As orientadoras do pré projeto, Aliciana Barros e Carolina Pires, que deram todo suporte e apoio necessário para dar início nesta jornada. Seus olhares atentos e suas indicações foram de suma importância para o início deste artigo.

*“As crianças especiais, assim como as aves,  
são diferentes em seus vôos. Todas, no  
entanto, são iguais em seu direito de voar.”  
(Jesica Del Carmen Perez)*

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO .....	07
2	DELINEAMENTO METODOLÓGICO .....	09
3	REFERENCIAL TEÓRICO.....	11
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	15
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	17
6	REFERÊNCIAS.....	19



## A IMPORTÂNCIA DA QUALIFICAÇÃO DE EDUCADORES PARA MEDIAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO ESCOLAR DA CRIANÇA COM TEA

Gerlane Carina da Cruz  
João Douglas Santos Freitas  
Larissa Hilze Silva Xavier  
Orientador(a): Ariedja de Carvalho Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** O tema autismo sempre surge com inúmeras interrogações, pelo espectro ser tão abrangente e de saber que cada criança possui suas particularidades e necessidades. Ao observar essas demandas vê-se a necessidade de qualificar e especializar o profissional da educação, para que possa atender de uma forma adequada o seu aluno em sala de aula, com o intuito de melhorar seu aprendizado, adaptando a atividade às suas carências. O presente artigo tem o intuito de mostrar a demanda existente em nossa realidade, da qualificação profissional para a docência com alunos que possuem o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Por meio de pesquisa bibliográfica, foram utilizados livros e sites de autores que realizaram estudos específicos referente ao tema. Foi possível verificar, no levantamento da bibliografia inicial da pesquisa, que no mundo da educação está ocorrendo um aumento de matrículas em escolas regulares de alunos com TEA, e com isso o crescimento da necessidade de qualificação profissional, para que assim possam executar um trabalho mais eficiente e alcançar um melhor aprendizado. Com o intuito de solucionar a questão da inclusão, é necessário que a criança se desenvolva em todos os aspectos, tendo em vista sua socialização, aprendizagem e desenvolvimento cognitivo.

**Palavras-chave:** educação inclusiva; TEA; educador; formação continuada.

### 1 INTRODUÇÃO

O autismo se trata de um transtorno complexo do desenvolvimento que acaba envolvendo atrasos e comprometimentos em algumas áreas, como: interação social; linguagem; questões emocionais; cognitivo; motor e sensorial. Greenspan e Wieder (2006 apud SELLA; RIBEIRO, 2018).

Duarte, Silva e Velloso (2018) nos falam dos déficits no desenvolvimento das relações, onde apresentam dificuldades em vários contextos sociais, seja ele em brincar de um jogo imaginativo ou até em fazer novas amizades, já que o interesse

---

<sup>1</sup> Professora da UNIBRA. Mestre em Educação Matemática e Tecnológica - UFPE. E-mail: ariedja.caivalho@gupounibia.com

em fazer pares é defasado. E que essas dificuldades de interação social acarretam em dificuldades nas atividades em grupo.

Além de apresentar a ausência de interesse no convívio social, algumas crianças com TEA podem trazer em sua bagagem disfunções sensoriais, como hipo ou hipersensibilidade. Duarte, Silva e Velloso (2018) nos trazem uma porcentagem de que cerca de 70% a 95% possuem a presença de alterações sensoriais.

O tema 'autismo' sempre surge com inúmeras interrogações pelo espectro ser tão abrangente e por saber que cada criança, seja ela, do modo mais formal de dizer: "típica" ou "atípica", possuem suas particularidades e suas necessidades, que devem ser atendidas, tanto no âmbito familiar quanto no âmbito escolar.

Sabe-se que deve haver uma boa interação e acolhimento entre Escola e crianças que apresentam o TEA (Transtorno do Espectro Autista), no qual elas devem frequentar escolas com salas regulares, mesmo que algumas não consigam acompanhar o ritmo da classe, estando incluídas nos contextos escolares assim como as demais crianças. Com isso, acredita-se que estas peculiaridades das crianças com autismo devem ser conhecidas pelos profissionais de educação, para que possam mediar com mais familiaridade as dificuldades que forem surgindo ao longo da vida escolar destas crianças.

Portanto, além do conhecimento na área, o profissional da educação deverá analisar e tentar ao máximo conhecer bem seu aluno, buscando entender através de um olhar mais sensível quais são os materiais, texturas e afins que poderão ser apresentados para a formulação e execução de atividades pedagógicas.

É de extrema importância que os profissionais planejem as brincadeiras de acordo com as possibilidades de cada criança tentando assim além de conquistar um brincar funcional, possibilitar a socialização com os demais colegas de classe .

Ao apresentar algumas das dificuldades que as crianças que estão dentro do TEA trazem em sua bagagem, é abordado algumas necessidades desses alunos, mostrando a importância do conhecimento do profissional da área de educação nesses aspectos.

Diante deste contexto, o artigo tem como objetivo mostrar a real importância da qualificação para o desempenho do profissional, mesmo com as demandas que irão surgir durante uma possível caminhada com alunos autistas.

Seguido da introdução será apresentado o delineamento metodológico, onde serão detalhados os tipos de pesquisas utilizadas para a fomentação do artigo,

constando também todas as bases de dados usados no decorrer da pesquisa. Posteriormente, no referencial teórico, encontram-se os teóricos que trazem embasamentos para que haja uma discussão entre o tema apresentado e as questões discutidas durante o artigo.

Nos resultados e discussão, vamos examinar de forma detalhada os dados do levantamento bibliográfico juntamente com a opinião da equipe, para que haja um diálogo entre as pesquisas e os conhecimentos de cada um. Por fim, nas considerações finais serão descritos os objetivos que norteiam a pesquisa, juntamente com uma análise pessoal do grupo, detalhando o estudo em um âmbito geral.

## **2 DELINEAMENTO METODOLÓGICO**

Para fomentar trabalhos científicos é necessário que pesquisas sejam realizadas. Algumas delas são: pesquisa bibliográfica, pesquisa exploratória e pesquisa qualitativa.

Segundo Gil (2017), a pesquisa bibliográfica é realizada através de materiais já publicados, sejam eles livros, jornais, teses, artigos etc. Estes materiais podem ser encontrados em forma física, mas também on-line. Como a internet proporciona informações com fácil acesso, é preciso verificar a veracidade dos dados fornecidos para que a pesquisa não corra o risco de conter informações inadequadas. A pesquisa bibliográfica veio como suporte para a certificação dos dados que foram coletados para este trabalho, retirando as informações de livros acadêmicos, assim como artigos disponíveis na internet.

Como já é descrito em seu nome, a pesquisa exploratória é utilizada para explorar uma forma de familiarizar o pesquisador com o objeto a ser estudado, proporcionando conexão e aproximação de ambos. Ela também permite que o pesquisador possa optar por técnicas coerentes à sua pesquisa, para que assim ele consiga decidir o rumo que a investigação irá tomar. Os métodos utilizados nesta pesquisa envolve: levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que possuam domínio sobre o assunto e pesquisas de campo. Para Severino (2007), este tipo de pesquisa serve para levantar informações sobre um determinado objeto, possibilitando uma delimitação de um campo de trabalho, para que se possa mapear as condições de manifestação desse objeto. O levantamento bibliográfico foi realizado para que pudesse haver ligação entre os assuntos abordados de acordo com os livros que foram pesquisados.

Na pesquisa qualitativa estudam-se os fenômenos sociais e o comportamento, abordando temas que são interpretados através de símbolos, crenças, valores e as relações humanas de um grupo social. Diante disto, a discussão sobre os alunos com autismo foi pesquisado de forma qualitativa, enquadrando-se em uma de suas vertentes, a de fenômenos sociais. Para que essa pesquisa se desenvolva é necessário um estudo amplo e abrangente do objeto de pesquisa. Severino (2007, p. 118) aborda a respeito e respalda que:

Esse modelo de conhecimento científico, denominado positivista, adequou-se perfeitamente à apreensão e ao manejo do mundo físico, tornando-se assim paradigmático para a constituição das ciências, inclusive daquelas que pretendiam conhecer também o mundo humano.

Para o desenvolvimento da pesquisa foram selecionados dois livros pertinentes ao tema: *Análise do Comportamento Aplicada ao Transtorno do Espectro Autista*, (Sella e Ribeiro, 2018) e *Estratégias da Análise do Comportamento Aplicada para pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo*, (Duarte, Silva, Velloso, 2018). E seis artigos on-line acessados pelo Scielo e Google acadêmico: *A Educação Inclusiva: um Estudo sobre a Formação Docente*, (Tavares, Santos e Freitas, 2016); *Análise do comportamento aplicada como intervenção para o autismo: definição, características e pressupostos filosóficos*, (Camargo e Rispoli, 2013); *Conselho Regional de Medicina do Estado do Paraná*, (Youssef, 2019); *Critérios para acreditação específica para prestadores de serviço em Análise do Comportamento Aplicada (ABA) ao desenvolvimento atípico/TEA da ABPMC* (2019); *Formação Continuada de Professores que Atuam na Educação Inclusiva: Análise Sobre a Produção Científica em Periódicos Capes*, (Cunha e Ferrete, 2021); *Inclusão de Crianças Autistas: um Estudo sobre Interações Sociais no Contexto Escolar*, (Lemos, Salomão, Agripino-Ramos, 2014); *Intervenção Comportamental Precoce e Intensiva com Crianças com Autismo por meio da Capacitação de Cuidadores*, (Gomes, Souza, Silveira e Oliveira, 2017).

A seguir, serão abordados teóricos que embasam o tema em questão para deixar de forma mais explícita e clara possível as opções que estão sendo colocadas em ênfase neste artigo.

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

A graduação da licenciatura em pedagogia abrange diversas vertentes que trazem possibilidades de atuação. Contudo, as abordagens são realizadas de modo que os graduandos busquem conhecimentos para além do que estão sendo ministrados durante o percurso de estudo.

Algumas dessas vertentes são: pedagogia hospitalar; presidiária; empresarial; ONG's etc. No contexto escolar nos deparamos com a educação inclusiva e seus diversos desafios. Em relação a esses desafios, considera-se que a formação dos professores é essencial para a eficácia do processo, tendo em vista que a execução dos conhecimentos voltados para alunos com TEA seja cada vez mais efetiva. E que o despreparo desses profissionais é uma das principais barreiras (GLAT; NOGUEIRA, 2003 *apud* TAVARES; SANTOS; FREITAS, 2016), além da necessidade de uma formação e não apenas funcional/instrumental (GARCIA, 2013 *apud* TAVARES; SANTOS; FREITAS, 2016), mas que possa agregar na vida do profissional e consequentemente na do seu aluno.

Diante da educação inclusiva o contexto exige ainda mais dedicação e conhecimento, já que se trata de um assunto de extrema necessidade. A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva traz bases de orientação aos sistemas de ensino, com o intuito de promover respostas perante as dificuldades educacionais especiais (TAVARES; SANTOS; FREITAS, 2016), que garante “[...] formação de professores para o atendimento educacional especializado e demais profissionais da educação para a inclusão escolar” (BRASIL, 2007, p. 5 *apud* TAVARES; SANTOS; FREITAS, 2016, p. 529). Assim também como a LDBN (BRASIL, 1996) afirma em seu artigo 59:

Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais: [...] III - professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns.

Além da notoriedade desta formação continuada, vale ressaltar o dever do Estado perante as crianças que apresentam TEA. Descrito claramente no artigo 4º da LDBN (1996), “III - atendimento educacional especializado [...] aos educandos com [...] transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação [...] preferencialmente na rede regular de ensino.”

Frente ao decreto da Lei 12.764 (BRASIL, 2012) que trata e caracteriza, em linhas gerais, o autismo como deficiência e impede que os mesmos sejam recusados no ato da matrícula em qualquer instituição de ensino regular, faz-se considerar que a busca em inserir estas crianças no contexto escolar tende a crescer.

Por sua vez, as escolas apresentam um papel de extrema importância no decorrer acadêmico dos estudantes com TEA. Tendo em vista questões como: desenvolvimento social, cognitivo, experiências sensoriais, entre outras funções necessárias para a colaboração na formação dos indivíduos. Porém, diversas vezes esse trajeto torna-se enigmático pela falta de conhecimento em relação às particularidades que estas crianças apresentam. Diante disso, a busca contínua de conhecimentos é imprescindível. Assim como Perrenoud (2002), afirma que:

[...] a formação contínua visava - sempre visa - atenuar a defasagem entre o que os professores aprenderam durante sua formação inicial e o que foi acrescentado a isso a partir da evolução dos saberes acadêmicos e dos programas, da pesquisa didática e, de forma mais ampla, das ciências da educação. (PERRENOUD, 2002, p.21 *apud* CUNHA; FERRETE, 2021).

Ao lidar com as particularidades e as demandas que surgem no contexto escolar é explícito que há uma carência de métodos que possam ser utilizados e que tragam êxito em suas aplicações. Perante isto, a abordagem que será descrita neste artigo é uma das que mais possuem estudos e comprovações científicas em seus resultados.

O método ABA tem sua eficácia bastante reconhecida e tida como segura nos tratamentos com crianças autistas, além de inúmeras pesquisas (MACDONALD et al., 2014; SCHLICHENMEYER et al., 2015; TORDJMAN et al., 2015; *apud* YOUSSEF, 2019) que confirmam sua veracidade, sendo assegurada pelo Departamento de Saúde do Estado de Nova York e pelo U.S Surgeon General. (YOUSSEF, 2019).

Assim também como possui um enorme suporte científico, sendo o mais pesquisado e abrangentemente adotado, inclusive nos Estados Unidos, promovendo qualidade de vida para as pessoas com TEA (GILLIS & BUTLER, 2007; LOVAAS, 1987; VAUGHN et al., 2003; VIRUÉS-ORTEGA, 2010; HOWARD et al., 2005; LANDA, 2007 *apud* CAMARGO; RISPOLI, 2013).

Sua definição exige o entendimento como uma abordagem científica, tecnológica e profissional (CAMARGO; RISPOLI, 2013). “Como uma abordagem científica, ABA é definida como um método para avaliar, explicar e modificar

comportamentos baseado nos princípios do condicionamento operante introduzidos por B.F. Skinner” (SKINNER, 1953 *apud* CAMARGO; RISPOLI, 2013).

Quando se trata do processo de qualificação é imprescindível que haja um conhecimento básico sobre os graus de autismo, mesmo que cada indivíduo tenha sua particularidade. Esse tipo de conhecimento irá fornecer uma base, de modo geral, de como os graus podem interferir na socialização das crianças com TEA. A tabela a seguir detalha os diferentes níveis do transtorno:

**Quadro 1 – Níveis de gravidade dos TEA (DSN 5; APA, 2013)**

<b>Gravidade do TEA</b>	<b>Comunicação Social</b>	<b>Comportamentos repetitivos e interesses restritos</b>
<b>Nível 3 – Requer suporte intenso</b>	Graves déficits em comunicação verbal e não verbal ocasionando graves prejuízos no funcionamento social; interações sociais muito limitadas e mínima resposta social ao contato com outras pessoas.	Preocupações, rituais imutáveis e comportamentos repetitivos que interferem muito com o funcionamento em todas as esferas. Intenso desconforto quando rituais ou rotinas são interrompidas, com grande dificuldade no redirecionamento dos interesses ou de se dirigir para outros rapidamente.
<b>Nível 2 – Requer suporte grande</b>	Graves déficits em comunicação social verbal e não verbal que aparecem sempre, mesmo com suportes, em locais limitados. Observam-se respostas reduzidas ou anormais ao contato social com outras pessoas.	Preocupações ou interesses fixos frequentes, óbvios a um observador casual, e que interferem em vários contextos. Desconforto e frustração visíveis quando rotinas são interrompidas, o que dificulta o redirecionamento dos interesses restritos.
<b>Nível 1 – Requer suporte</b>	Sem suporte local o déficit social ocasiona prejuízos. Dificuldades em iniciar relações sociais e claros exemplos de respostas atípicas e sem sucesso no relacionamento social. Observa-se interesse diminuído pelas relações sociais	Rituais e comportamentos repetitivos interferem, significativamente, no funcionamento em vários contextos. Resiste às tentativas de interrupção dos rituais e ao redirecionamento de seus interesses fixos.

Fonte: Sella e Ribeiro (2018)

Para os profissionais que desejam estar um pouco mais inteirados sobre o TEA e queiram aplicar programas que seguem a linha da análise de comportamento, é necessário, segundo a Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental (ABPMC, 2019), que este profissional possua cursos livres de Análise do Comportamento e seja acompanhado por um supervisor para que possa haver uma diretriz nos atendimentos, juntamente com o conhecimento adquirido sobre o transtorno. Duarte, Silva e Velloso (2018, p. 6) abordam que entre as demais abordagens relacionadas ao autismo, o ABA é a mais adequada para intervenções:

Há diversas abordagens divulgadas para o trabalho terapêutico com os indivíduos com TEA; porém, as intervenções baseadas na Análise do Comportamento Aplicada (*Applied Behavior Analysis* – ABA) são as que possuem comprovações científicas a respeito de sua eficácia. (DUARTE, SILVA E VELLOSO, 2018, p.6).

A área da análise do comportamento é trabalhada em vários campos e diante de diversos objetivos. Com as crianças autistas, suas demandas são realizadas tanto nas vertentes comportamentais, quanto na aprendizagem, seja ela de atividades de vida diária ou educacionais. Segundo Carvalho Neto (2002, p. 16 *apud* SELLA; RIBEIRO, 2018, p. 47):

[...] o campo de intervenção planejada dos analistas do comportamento. Nela, estariam assentadas as práticas profissionais mais tradicionalmente identificadas como psicológicas, como o trabalho na clínica, escola, saúde pública, organização e onde mais houver comportamento a ser explicado e mudado. Nessas áreas, há uma exigência por resultados e uma relação diferente da acadêmica [...].

Diante disso, é possível visualizar que de alguma maneira, uma de suas vertentes pode ser utilizada no meio pedagógico. Trabalhando de forma constante e analisando periodicamente os resultados, para que os objetivos da criança em questão, no meio escolar, sejam alcançados.

Para além de inserir o autista no contexto social ou escolar, o analista do comportamento visa trazer mudanças qualitativas de maneira contínua para que o processo de aprendizagem esteja sempre em uma crescente.

Isso significa que, além da característica fundamental de se ocupar com comportamentos, estímulos e participantes socialmente relevantes, uma pesquisa aplicada precisa medir comportamentos de acordo com características quantitativas específica e demonstrar que as mudanças de comportamento foram devido as manipulações efetuadas, ou seja, o processo de análise é uma constante. (SELLA; RIBEIRO 2018, p.48).

Ou seja, o método deve ser usado no contexto escolar de forma diária, tendo uma rotina pré-estabelecida e sistemática. Com isso, acredita-se que esses



conhecimentos, juntamente com a bagagem do profissional da área da educação, irão auxiliar na trajetória acadêmica desses alunos.

No próximo tópico, estão descritos os resultados e a discussão, condizente com o tema escolhido.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Perante os estudos realizados através de pesquisas bibliográficas, serão detalhados os assuntos abordados no decorrer do artigo.

A Análise do Comportamento Aplicada tem como objetivo atuar em prol do desenvolvimento do autista – desde a infância a idade adulta – e isso se estende e não fica só preso ao autismo, podendo ser utilizado para avaliarmos o comportamento humano em suas mais variadas áreas e auxiliando a entendermos melhor as ações das pessoas. Segundo Gomes et al., (2017), o ABA pode ser utilizado em diversas áreas, não somente com crianças autistas, e também em diferentes âmbitos, como em clínicas, na educação, economia, entre outros.

Seguindo a literatura, podemos observar que o método, apesar de todas as dificuldades, é uma excelente abordagem, com resultados animadores na evolução das crianças com TEA. Essa constatação não reduz a importância de investigações que aumentem o conhecimento sobre estratégias efetivas para o tratamento do autismo, pelo contrário, só mostra que com um controle à risca, os resultados podem ser melhores e mais expressivos. Promovendo ganhos significativos no desenvolvimento de crianças com autismo. (LOVAAS, 1987; SHERMAN et al., 1988; SMITH, 1999; WARREN et al., 2011 *apud* GOMES et al., 2017).

Referente ao diagnóstico precoce é importante para criança, pois começa a receber os atendimentos adequados para melhorias em seu desenvolvimento. Sobre o tratamento dessas crianças, Choto (2007 *apud* LEMOS et al., 2014) destaca a fusão entre a terapia e a educação, pontuando a interdisciplinaridade como um elemento indispensável para obtenção de melhores resultados.

Até o momento, não há cura para o transtorno, mas por meio das Intervenções Comportamentais Intensivas, há dados que comprovam das crianças autistas, ou em algum outro âmbito que for utilizado. Desde a década de 1980 este tipo de intervenção vem trazendo ganhos (BOYD; CORLEY, 2001; CAMPBELL et al., 1987; DAWSON et al., 2010; LOVAAS, 1987; SMITH, 1999; VIRUÉSORTEGA, 2010; WARREN et al.,

2011 *apud* GOMES et al., 2017). Acredita-se ser o melhor tratamento visando o desenvolvimento das crianças, agregando na sua aprendizagem e na sua interação com a sociedade.

A escola é um dos meios sociais que mais trazem avanços nas questões de interação. Onde haverá diversidade em diferentes aspectos. Podendo assim, aprender com as particularidades de cada indivíduo. Sejam eles típicos ou atípicos. Para Höher Camargo e Bosa (2012 *apud* LEMOS et al., 2014), o contexto escolar traz oportunidades diante do contexto social, que viabilizam o desenvolvimento da criança com TEA, como das demais crianças, pois conforme a convivência aprenderão com as diferenças. Silva e Facion (2008 *apud* LEMOS et al., 2014) nos mostram que essa troca agrega um enriquecimento pela oportunidade de conviver com o diferente.

A demanda das escolas frente às crianças com autismo vem sendo uma crescente, como já descrito no decorrer do artigo. O maior impasse diante dessas demandas encontra-se na falta de qualificação dos profissionais da educação. Assim, Smith e colaboradores (2000 *apud* LEMOS et al., 2014) corroboram que essa demanda encontra alguns problemas práticos, sendo um deles: a quantidade superior de crianças com autismo quando comparado ao de profissionais capacitados.

O papel do professor diante das demandas interativas para os alunos com TEA é executado no ato de fornecer apoio; intervir; interagir; direcionar, entre outros, para que as necessidades sejam adequadamente supridas. Garton (1992 *apud* LEMOS et al., 2014) fala da importância deste ambiente interpessoal, onde o suporte do adulto deve atender e ser capaz de adequar suas contribuições às capacidades das crianças.

Portanto, os profissionais de educação precisam conter uma bagagem de conhecimento voltado para o autismo, tendo repertório sobre suas características, de contextos amplos que se tornam particularidades e detalhes perceptíveis. Para que além de observar as defasagens de cada autista, saibam conduzir e evoluir no caso. Cabendo assim aos profissionais, utilizarem meios que contemplem a agregação de habilidades que são pré-requisitos para que as demais demandas sejam realizadas. (LEMOS; SALOMÃO; RAMOS, 2014).

De modo geral, os professores encontram dificuldades em observar e realizar intervenções para crianças que possuem o TEA, pois precisam atender os outros alunos, por esse motivo fica visível de forma negativa o processo de inclusão social. Porém, de acordo com Lira (2004 *apud* LEMOS et al., 2014), o professor precisa traçar e reformular planejamentos individuais, além de adaptar recursos de ensino tradicionais

e criar estratégias orientadas nas necessidades da educação.

A seguir, estão descritas as conclusões de acordo com o tema abordado e suas problemáticas, contendo a opinião dos integrantes do grupo.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A escolha do tema em questão, foi realizada a partir das inquietações dos autores do artigo, em seu processo final de formação, sobre a educação e quais os pontos que trazem desconforto perante as demandas diárias no que concerne o processo educacional de crianças portadoras de deficiência, seja ela, física ou intelectual. Diante dessas defasagens, focamos nas crianças que possuem TEA e nas dificuldades que os profissionais da área encontram ao lidar com a rotina escolar dos autistas.

Para dar início a pesquisa foi realizado um apanhado de observações, com base nas vivências e experiências dos integrantes do grupo. Com as observações foi possível levantar tópicos e assim realizar pesquisas bibliográficas sobre os temas explanados.

Através da pesquisa bibliográfica podemos observar que a realidade dos professores de sala regular, que possuem crianças autistas em seu contexto, é exatamente a de não possuir conhecimentos que possam lhe nortear. Por mais que algumas vezes durante a graduação o tema “autismo” seja colocado em questão, reconhecemos que a prática exige um conhecimento mais aprofundado na área.

Foi possível observar durante a leitura dos artigos que muitos não traziam propostas de intervenção para a problemática. Mesmo sabendo que é necessária a formação continuada, como está descrito na Lei nº 13.005/2014 na meta 16 “[...] garantir a todos os profissionais da educação básica formação continuada em sua área de atuação, considerando as necessidades, demandas e contextualizações dos sistemas de ensino.” (PNE, 2014). Não encontramos métodos que traziam comprovações de sua eficácia perante os desafios que são encontrados com as crianças que possuem TEA.

Com isso, buscamos falar um pouco sobre o método ABA, que é de conhecimento de todos do grupo, tentando trazer de forma sucinta algumas informações sobre a metodologia e de que forma elas poderiam ajudar no contexto escolar.

Concluimos assim que conhecer sobre o aluno e de como podemos conduzir suas experiências escolares, sem que o próprio deixe de estar presente em todos os contextos só pelo fato de apresentar uma determinada deficiência, seja cognitiva ou comportamental, é de extrema importância e de extrema urgência a qualificação dos profissionais de educação.

## 6 REFERÊNCIAS

ABPMC. **Critérios para acreditação específica para prestadores de serviço em análise do comportamento aplicada (ABA) ao desenvolvimento atípico/TEA da ABPMC**. 1. ed. Curitiba: ABPMC, 2019. Disponível em:

<http://abpmc.org.br/arquivos/publicacoes/1565823143e10d0ae629a7.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2021.

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. **Lei n. 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, Brasília, DF, 27 dez. 2012.

BRASIL. Plano Nacional de Educação. **Lei n. 13.005/2014, meta 16**. 2014.

BRASIL. Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva. Ministério da Educação / SECADI. Documento elaborado pelo Grupo de Trabalho nomeado pela Portaria Ministerial nº 555, de 5 de junho de 2007, prorrogada pela Portaria nº 948, de 09 de outubro de 2007. Brasília, DF.

CAMARGO, Sígilia; RISPOLI, Mandy. Análise do comportamento aplicada como intervenção para o autismo: definição, características e pressupostos filosóficos. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 26, n. 47, p. 639-650, set./dez. 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3131/313128786010.pdf>. Acesso em: 26 maio. 2022.

CUNHA, Marleide; FERRETE, Anne. **Formação continuada de professores que atuam na educação inclusiva: análise sobre a produção científica em periódicos capes**. Universidade Federal de Sergipe, Sergipe. 2021. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://periodicos.ufpi.br/index.php/lingedusoc/article/download/2452/2267&ved=2ahUKEwju2dWgrf73AhWAtpUCHWDaD2YQFnoECBIQAQ&usq=AOvVaw3iA4mgsap-7PaosFYGu3j4>. Acesso em: 26 maio. 2022.

DUARTE, Cíntia; SILVA, Luciana; VELLOSO, Renata. Introdução. *In*: DUARTE, Cíntia; SILVA, Luciana; VELLOSO, Renata (org.). **Estratégias da análise do comportamento aplicada para pessoas com transtorno do espectro do autismo**. São Paulo: Memnon Edições Científicas, 2018. p. 5 – 9.

GIL, Antonio. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

GOMES, Camila; SOUZA, Deisy; SILVEIRA, Analice; OLIVEIRA, Ianaiara. Intervenção comportamental precoce e intensiva com crianças com autismo por meio da capacitação de cuidadores. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 23, n. 3, p. 377-390, jul./set., 2017. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbee/a/VFw6H8smGqFMghsg8TRDKxK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 maio. 2022.

LEMOS, Emellyne; SALOMÃO, Nádia; AGRIPINO-RAMOS, Cibele. Inclusão de crianças autistas: um estudo sobre interações sociais no contexto escolar. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v.20, n. 1, p. 117-130, jan./mar., 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/GS4c9BPW9PW8ZqzBGjx7Kzj/?lang=pt>. Acesso em: 26 maio. 2022.

SELLA, Ana; RIBEIRO, Daniela (org.). **Análise do comportamento aplicada ao transtorno do espectro autista**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2018.

SEVERINO, Antônio. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

TAVARES, Lídia; SANTOS, Larissa; FREITAS, Maria. A educação inclusiva: um estudo sobre a formação docente. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 22, n. 4, p. 527-542, Out.-Dez., 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/NPXMqY7W5L7jRr6DwDCLZBw/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 26 maio. 2022.

YOUSSEF, Nazah. **Parecer**. Conselho Regional de Medicina do Estado do Paraná. Curitiba, 2019. Disponível em: [https://sistemas.cfm.org.br/normas/arquivos/pareceres/PR/2019/2770\\_2019.pdf](https://sistemas.cfm.org.br/normas/arquivos/pareceres/PR/2019/2770_2019.pdf). Acesso em: 26 maio. 2022.